

Luís Franco lançou o livro ‘O ESCUSADO De menino a ancião’ “Afinal a reacção passara ou não?”

No livro, Luís Vasconcelos Franco fala de toda a sua vida, mas concentramo-nos em como foi activo na manifestação do 6 de Junho, nas prisões de 9 de Junho e na satisfação da vitória de ontem e de hoje: “...Os meus companheiros foram sendo libertados. Finalmente saí do meu isolamento. As duas celas colectivas já estavam vazias. Agora já se estava melhor. Ainda estava preso e todas as exigências feitas na manifestação já haviam sido concedidas. Só faltava a da Independência, mas essa seria uma arma de constante pressão até ao dia 25 de Novembro e, depois, na consolidação da Autonomia”, escreve.

Luís de Vasconcelos Franco escreve no livro que lançou ontem em Ponta Delgada, que a FLA “nunca teve um chefe, mas muita gente gostaria de o ter sido” e no seu entender, “isso dificultou sempre um procedimento coerente entre os independentistas açorianos”. Uma revelação que não é pacífica num livro intitulado ‘O ESCUSADO De menino a ancião’, que é uma autêntica ‘pedrada no charco’ sobre a manifestação do 6 de Junho, as prisões de 9 de Junho e os acontecimentos que se sucederam e levaram à Autonomia Política Administrativa dos Açores.

No prefácio, Américo Natalino de Viveiros define o “O Escusado”, como a história de vida Luís Vasconcelos Franco que escreveu em mais de 350 páginas, compondo um livro que bem podia chamar-se “A Odisseia de um Aventureiro”.

“Luís Franco é um fazedor de coisas e, como tal, procura sempre transformar os sonhos em realidade. O seu ímpeto empreendedor fez com que a vida se tornasse numa aventura constante, e chegado a este ponto, o menino que agora se sente ancião, apresenta-se como memória viva do caminho até agora percorrido”, escreve Américo Natalino de Viveiros.

“De forma eloquente, salpicada de humor, narra, ao longo do livro, o seu “escusado” nascimento, a vivência familiar, a infância que teve, as irreverências próprias da juventude, a partida das ilhas, o tempo de estudante, a diversão e a vida boémia com os amigos, o primeiro trabalho que abraçou e os negócios que desde cedo empreendeu”.

Dá-se, entretanto, o 25 de Abril, e nesse contexto revela a sua queda para a política, embora não se tenha envolvido na via partidária.

“A sua participação política activa ficou circunscrita à participação que teve na Frente de Libertação dos Açores (FLA), e é pena que tenha ficado por aí...”, realça Américo Viveiros.

“Luís Franco foi um dos presos do chamado “6 de Junho” e, por via disso e pela militância que teve na organização, conta de forma detalhada a sua envolvimento no processo independentista e na FLA, realçando o papel por ele desempenhado na organização. Recorda momentos arrebatadores de um período que foi um sonho vivido por inúmeros Açoreanos”, comenta..

Como refere no prefácio de “O Escusado”, “é mais do que uma história de vida, porque ao descrever retalhos da sua vida de menino, moço e agora ancião, Luís Franco inclui vivências e factos em que entrevistaram muitos amigos e outros conhecidos”.

“Luís Franco sabe conservar a amizade, e este é um dom que permite fazer e manter pontes que ajudam a ultrapassar as tempestades da vida. Assim se revelam os homens bons!”, completa.

A FLA “nunca teve líder”

Luís Franco, antes de mais, está convencido que ainda não se contou a verdadeira história sobre o 25 de Abril. Escreve no livro que “talvez



um dia, quando desaparecerem os historiadores contemporâneos, que se limitam a narrar casos circunstanciais, curiosamente tão convenientes às suas ideologias, a História esclareça, com um pouco de lógica, o ambiente de saturação envolvente e que, provavelmente, levou o Professor Marcelo Caetano a concordar com o Golpe de Estado. A Revolução, essa só depois do 28 de Setembro começaria a impor-se”.

Diz que não sabe de quem partiu a ideia da manifestação do 6 de Junho. “Julgo que foi assinada por Luís dos Reis Índio, Armando Goyanes e Gil Massa Cordeiro, todos membros da Associação”.

Revela que, no dia 28 de Maio de 1975, “depois de um ótimo jantar de amigos em casa do Eugénio António Câmara, o Hermano Mota, o Luís Fernando Cymbrom, que entretanto trabalhava comigo na Viçor, e eu próprio, saímos convictos de que a melhor maneira de despertar os lavradores para a manifestação pedida para o próximo dia 6 de Junho, era causar um acontecimento que lhes provocasse a curiosidade e os fizesse vir à Associação (Agrícola) esclarecer o assunto. (...)

“E se nós enforcássemos um vitelo em plena Feira de Gado? Seriam talvez duas horas da manhã. O mercado de gado começava às oito horas. Não tínhamos muito tempo. Metemo-nos no Land Rover e rumámos aos vitelheiros da Viçor” (...).

“Agarrámos numa corda, no papelão com a mensagem, carregámos o pobre animal já sem vida e voltámos para Ponta Delgada.

“A Feira de Gado, o «Campo das Reses» como era conhecido, ficava em São Gonçalo onde é hoje o parque de estacionamento da Uni-

No dia 6 de Junho, na data prevista para a manifestação, a cidade estava diferente. Na Associação (Agrícola) juntavam-se centenas de pessoas. Começou a manifestação, surgiram cartazes. Um deles tinha graça e era verídico: «O Povo é quem mais ordenha».”

versidade (antes de escrever estas linhas estive lá parado a olhar para o portão de acesso e para os muros circundantes). Por acaso, naquela noite, o portão estava aberto. Com alguma dificuldade dependurámos o bezerro, que teria uns setenta quilos, numa das árvores mais centrais, a parecer que fora enforcado. A encimar o cadáver, uma inscrição vaticinava: «O Fim da Lavoura Açoriana».

A manifestação, que não foi autorizada, acabou por se realizar. “No dia 6 de Junho, na data prevista para a manifestação, a cidade estava diferente. Na Associação (Agrícola) juntavam-se centenas de pessoas. Começou a manifestação, surgiram cartazes. Um deles tinha graça e era verídico: «O Povo é quem mais ordenha».”

Luís, um observador atento...

“Passámos pela escola abaixo da Associação Agrícola, as crianças e as professoras juntaram-se, na Rua da Misericórdia o número de pessoas engrossou e um rapaz, montado num burro, pôs-se à frente. Que ideia engraçada”, descreve Luís Franco.

“O burro e o seu burriqueiro, (Victor Almeida, hoje Presidente da Junta de Freguesia dos Fenais da Luz), de chapéu de abas largas, continuavam à frente. Pela Avenida juntavam-se em fila camiões carregados de madeira, alguns tractores e mais gente”.

“Ao passar junto ao Tribunal, surgiram de um depósito de ferro velho, ali existente na data, imensos cartazes. O Gualberto Cabral integrava-os na manifestação”.

“Já não eram só os lavradores a reclamar, nem os comerciantes que se tinham associado, nem os mateiros com os seus camiões carregados, nem os estudantes sempre prontos a encarar generosamente novas ideias e oportunidades: era a população em geral que se manifestava também”.

E recorda Luís Franco: “Lembro-me de ter hesitado quando os primeiros manifestantes, em que eu me incluí, passaram em frente à antiga «Rosa D’Ouro». Uma série de militares armados pretendiam evitar que a manifestação chegasse ao Governo Civil. A meu lado, o senhor Manuel da Silva Cordeiro gritou-me: - Deixe andar, as mães logo à noite tratam-lhes da saúde! Assim foi, ninguém se atreveria a dar um tiro contra milhares de pessoas. E se alguém se atrevesse?”